AS MIGRAÇÕES PALEOLÍTICAS E AS INSCRIÇÕES RUPESTRES DA AMÉRICA

TH. POMPEU SOBRINHO

Os mais conspícuos autores que estudaram a pré-história americana informam que: 1) Provindos da Sibéria, há cêrca de 30 a 20 mil anos, homens de uma espécie nova, perseguindo a caça de mamíferos de grande porte, atravessaram o então istmo de BERING e se estabeleceram em certas regiões do Alasca e do norte do Canadá, não atingidas pelos gelos polares. 2) Eram seres de um tipo antropológico desde muito desaparecido, mas, sobremodo afim do atual australiano, pelo que, nesta notícia, os chamamos de AUSTRALOIDES PRIMITIVOS ou simplesmente AUSTRALOIDES.

Conquanto, pelos caractéres antropológicos, não diferissem dos que especializam a atual espécie do gênero humano, ofereciam somatologia, em alguns pontos especiais, que permitiu uma divisão taxionômica capaz de merecer a denominação particular de HOMO SAPIENS FOSSILIS, paralela a do HOMO que, nos nossos dias, povoa a superfície da terra, o HOMO SAPIENS RECENS. As diferenças não são fundamentais; quando muito, valem pelas que separam as três grandes raças primitivas da atualidade.

Os seus principais caracteres físicos eram: cabeça muito longa ou acentuada dolicocefalia, e não menos notável hipsicrania bem como a elevada estatura.

Sob o aspecto cultural, ainda que rastejassem no nível mais baixo, praticavam já atos de expressão religiosa que lhes impunham, ao lado de outras fatôres, uma moral rudimentar, mas suficiente para as suas necessidades sociais. A economia coletora pouco ascendia a dos grandes antropoides contemporâneos, mas não ficava muito abaixo da dos

australianos modernos. Tal como êstes, não conheciam o arco, a flecha, o propulsor, a cerâmica e a agricultura. Usavam a lança de arremêsso com ponta de pedra mais ou menos grosseiramente talhada e talvez um machado de pedra muito tôsco. Possìvelmente fabricavam vasilhas de couro cozido e deviam tecer cêstos e esteiras de cipó e de palha. Caçavam os grandes mamíferos, muitos dos quais desde milênios extintos, e colhiam no campo frutos, brotos e tubérculos comestíveis, rizomas e fôlhas carnudas de vegetais, insetos e larvas ao lado da caça, pequena, ratos, sáurios e ofídios.

Esta cultura paleolítica primária distinguia as levas dos primeiros imigrantes americanos e dos seus descendentes durante centenas de séculos, pelo menos enquanto durou o primeiro processo de disseminação dessa gente no Novo Continente. Ainda agora, pela sua incrível persistência, constitui um caráter distintivo de utilização corrente.

* * *

A segunda sub glaciação wurmiana, correspondente ao TAZA WELL-CARY, do último período do Pleistoceno, culminou faz cêrca de 36 milênios. Então, as águas dos oceanos, em grandes camadas acumuladas sob a forma de gêlo nas calotes polares e nas geleiras das altas montanhas, diminuídas, deram lugar a uma considerável queda do nível dos mares, transformando estreitos em istmos, ou fazendo ilhas unindo-as, alterando o contôrno dos continentes, sem que, entretanto, se modificassem os traços gerais das grandes massas de terras emergidas, apenas ligeiramente acrescidas de um rebordo mais ou menos largo.

Grandes mamíferos asiáticos da época, que fugiam dos gelos avassaladores da Eurásia acharam o caminho da América e se embrenharam pelos terrenos relvosos do vale do rio Yukon, no Alasca, e regiões circunvizinhas livres de gelos. Os homens que se alimentavam da sua carne seguiram-lhes as pégadas e atravessaram a pé enxuto a ligação eventual intercontinental.

Mais tarde, com a declinação glacial que preparava o advento de um período cálido, o estreito restabeleceu-se e os australoides que tinham passado da Àsia para a América já não mais podiam regressar à sua pátria de origem. Mas, em compensação, mamíferos e homens, estreitamente encantonados no Alasca durante muitos séculos, acharam um caminho livre na direção do sul, aberto entre os gelos que se derretiam com o calor do "interglacial", pelos sábios americanos chamado TWO-CREECK. A regressão dos gelos dos grandes centros polares do Labrador e do Hudson, a leste, e das geleiras das montanhas rochosas a oeste, abriu um corredor através do Canadá e do norte dos Esta-

dos Unidos, dando acesso às grandes planícies americanas, situadas entre o rio Mississipe e aquelas altas cordilheiras.

Povoou-se assim aquêle enorme trato virgem do território estadudinense, dominado pelas magníficas pradarias, até então, opimas e sossegados *habitats* de grandes rebanhos de bisões selvagens.

* * *

Com uma nova e última recrudescência glacial, que culminou aí pelo curso do 25º milênio, o sub-período frio conhecido por MANKATO, de novo alargaram-se e espessaram-se as camadas de gêlo dos focos ou centros de glaciação, e, conseqüentemente, abriu-se ainda uma vez o caminho terrestre da Sibéria, fechando-se, como era de esperar, o que ligava as regiões árticas com as "Grandes Planícies".

Esta circunstância permitiu que outras levas de velhos caçadores asiáticos penetrassem no território americano do Alasca.

Mas, já agora a espécie humana começava a modificar-se somàticamente sob o impulso de vários fatôres externos e internos de diferenciação étnica. Preparava-se o cadinho de onde surgiriam as atuais raças primitivas da nossa humanidade.

Os recentes imigrantes eram ainda dolicoides, mas a cabeça não se conservara tão alta como a dos seus predecessores. Em vez de grande estatura, o porte era mais modesto que o dos homens da primeira corrente.

Os ádvenas chegavam com um equipamento cultural apenas pouco menos primitivo; ainda rudimentaríssimo no setor da economia, que continuava com todos os elementos próprios de puros caçadores e coletores. Mas, ao que se supõe, traziam melhores instrumentos de pedra lascada, porventura conduziam armas bumerangoides e o propulsor do tipo mais primitivo bem como celtas mais eficientes.

* * *

O MANKATO não foi muito duradoiro; com poucos milênios começou a declinar pela regressão dos gelos aos seus centros normais, o que importava no restabelecimento definitivo do caminho do norte. Os novos prisioneiros do Alasca, após a caça grande que perseguiam, enveredaram pelo corredor reaberto no sentido do sul, e, logo adiante, vencendo muitas jornadas, depararam com os descendentes da primeira *entrada* nas "Grandes Planícies". Êstes, já afeitos à terra, se tinham difundido por todo o semi continente do norte livre de gelos, e cami-

nhavam em busca da América do Sul pelo istmo do Panamá, ainda desprovido da sua luxuriante vegetação holocênica.

O POST GLACIAL estabilizava as suas características clímicas, bem semelhantes as atuais, diferenciando a flora e a fauna conforme as regiões meteorológicas e edáficas de cada região.

Os homens das duas correntes miscegenavam-se por tôda parte onde entravam em contato. De acôrdo com as regras mendelianas, um tipo misto, dolicoide, desenvolvia-se com a sua estatura mediana e cabeça moderadamente baixa. Contudo, alguns núcleos humanos se segregavam, conservando pràticamente imunes a somatologia primitiva, ao passo que das populações mestiças brotavam homozigóticos que concorriam para uma marcada persistência étnica que se devia conservar ainda por muito tempo, preservando as fontes iniciais.

Ao que parece, os *Australoides* que alcançaram a América do Sul, talvez aí pelo meado do "Post-glacial", deviam ser portadores quase exclusivos de genes cruzados.

* * *

Na parte meridional do continente, só acidentalmente aparecem tipos puros da primeira corrente entre os invasores que se espalharam primitivamente pela amplitude das terras virgens. Esta gente desceu pela cordilheira andina, perlongando-a para o sul, mas um ramo acompanhou de perto onde possível o litoral do Pacífico; outro, atravessando a montanha, derivou para leste e sudeste, penetrando nas bacias dos rios Amazonas e Orenoco. Ainda outro ramo, mais ao sul, procurou o divisor das águas das bacias do Amazonas e do Paraguai, indo dominar o "Planalto Central" do Brasil, ao mesmo tempo que levas importantes chegavam às planícies chaquenhas.

As florestas driáticas regadas por caudalosos cursos dágua e os páramos frios das montanhas não agradavam a êstes hóspedes, habituados às planuras temperadas ou quentes, abertas, largas, claras, com abundância de caça fàcilmente perceptível e acessível às suas armas rudimentares de limitado alcance. No escuro da mata virgem ou nas dobras sombrias, nos sacos recônditos, nos recessos, angusturas e esconderijos das serras acidentadas, tudo lhes embaraçava a regular aquisição da subsistência. Por isto mesmo, só acidentalmente demoravam nas montanhas ou no seio das florestas extensas; procuravam sair, logo que possível, de tais lugares onde se tinham embrenhado incidentemente no seu movimento migratório. Buscavam a soalheira das savanas, das grandes planícies e dos pampas abertos, claros, fáceis de percorrer e onde se podia alongar a vista dentro de amplos horizontes.

No entanto, remanescentes, aqui e ali, se adaptaram a certas regiões mais ou menos agrestes dos Andes e das arenosas e áridas costas do Pacífico, ou mesmo, mais raramente ainda, aos bosques menos agressivos das planícies amazônicas.

* * *

Do "Planalto Central" brasileiro, a expansão dos australoides, depois de larga estada se fêz principalmente no sentido de leste e de sudeste. Os descendentes dêstes invasores povoaram as terras áridas de Mato Grosso e Goiás, as planícies do Maranhão, do Piauí e do rio São Francisco, donde passaram às adustas caatingas do Nordeste. Povoaram as chapadas arenosas e os sertões pedregosos desta região, os carrascos, os prados os altiplanos areníticos do Brasil ao longo das costas atlânticas, mais ou menos distantes do mar. Em geral não estimavam as praias marítimas; não tinham meios práticos de explorar o mar, de que apenas se aproveitavam de alguns moluscos e crustáceos e raros peixes. Evitando as mantonhas mais sombrias e acidentadas, estenderam-se por fim do Maranhão ao Rio Grande do Sul e certas regiões platinas. Ali, porventura teriam encontrado ramos de povos coirmãos derivados dos pampas.

Séculos depois, premidos por vagas humanas de origens diversas, foram compelidos a estender seu *habitat* mais para o sul, para as frígidas regiões da Patagônia meridional e o extremo inhóspito do continente. Motivos semelhantes, supõe-se, obrigaram-nos a viver nos mais áridos rincões e pobres caatingas nordestinas do nosso país, lutando contra a falta de caça e até de água para beber.

* * *

Algumas provas e muitos indícios podem ser apresentados para demonstrar esta dispersão pré-histórica dos primeiros habitantes do Novo Mundo.

Quanto à origem de tais pioneiros, já se não discute a procedência siberiana e a entrada pelo estreito de Bering. Gente de cultura tão rudimentar, decerto, não teria então outros meios de acesso. O tipo primitivo da espécie, o australoide que veio, há tantos milênios, habitar o Novo Mundo, somática e culturalmente parece ter constituído o fundo étnico da atual espécie humana; fôra o substrato comum da nossa humanidade. Dispersou-se por todo o mundo então acessível às suas pacíficas investidas. Vestígios da constituição orgânica e dos seus elementos de civilização colecionam-se cada dia mais numerosos e mais

expressivos da Europa a Tasmânia, da Sibéria a África do Sul, da índia a Patagônia. Era como um tronco robusto da árvore da espécie que mais tarde se foi diferenciando em raças e sub-raças, em tipos e subtipos étnicos. Árvore cuja copa sombreou a face do globo terrestre sôbre que estendeu os seus ramos. Enquanto êste fenômeno se processava, um outro de grande importância também ocorria: a extinção de quantas outras espécies se tinham criado em tôrno do GÊNERO HUMANO.

* * *

Assinalam o itinerário das migrações americanas primitivas balizas inconfundíveis e numerosas. Umas mais típicas, outras menos sugestivas, mas nunca destituídas de apreciável valor.

Dentre aqueles marcos e balizas algumas características antropológicas que nos legaram povos, pelos etnógrafos surpreendidos ainda num estágio inferior de vida, se enfileiram no primeiro plano; elementos de cultura por demais arcaicos que se conservaram através de milhares de anos e resistiram quase incólumes aos contatos de outras culturas mais evoluídas representam provas vivas, testemunhos brilhantes do passado pré-histórico.

Aqui está uma tribo importante e vultosa que nunca praticou a agricultura e usou cerâmica de qualquer espécie; ali, outra que desconhecia o arco e a flecha. De não menor valor demonstrativo figuram os mitos e os ritos, as cerimônias religiosas que os selvagens executam com o máximo respeito e solenidade, traduzindo os mais antigos sentimentos das épocas da criação do mundo, e por cujo contexto se aprecia muita vez, com rigorosa certeza, origens étnicas de variados povos, inclusive dos caçadores primitivos. E, ao lado disto, aí estão as preciosas coleções de objetos paleolíticos que pejam os museus, provenientes das mais estranhas e remotas paragens.

Entretanto, ainda uma outra ordem de provas existe que desejamos acentuar aqui de modo especial. Importa fazê-lo com tanto mais ênfase quanto é certo que jamais, ou muito raramente, foram invocadas, ao menos com o aprêço que merecem. Sobretudo, naquele balizamento de caminhos e de estações pré-históricas, sem dúvida os mais arcaicos dêste continente, destacam-se as inscrições rupestres autênticas que os primitivos traçaram com incrível trabalho e canseiras na superfície das rochas mais duras, expressando sentimentos religiosos e talvez ainda para propiciar as suas divindades.

Êstes monumentos se escalonam através da América do extremo norte ao extremo sul, da Sibéria ou do Alasca a Patagônia, irradiando-se dessa cadeia dorsal para todos os lados, em tôdas as direções, oblite-

rados, rareando ou distanciando-se em certos lugares, mas concentrando-se noutros. Esta mesma disposição é indicativa de fatos curiosos que investigações judiciosas poderiam esclarecer com muito proveito para a ciência. Pode-se supor que por ali, onde as litóglifos se distanciam, as levas migratórias passaram mais ràpidamente, e que, por aqui, onde êles se acumulam, elas estacionaram longo tempo.

As discriminações de estilos e definições de sinais especiais oferecem um campo vasto, quase infinito, para o exercício perquiridor dos sábios. Há muito que explorar nêste setor da pré-história americana, quiçá mesmo da pré-história do VELHO MUNDO.

* * *

Possuimos duas preciosas inscrições rupestres siberianas de estilo geométrico puro; uma composta de elementos retilíneos e outra de sinais especialmente curvilíneos. Ambas copiadas de rochedos de IRYTCH por Spassky e reproduzidas por Jaques Morgan na sua célebre obra "L'Humanité Préhistorique" à página 276, da edição de 1924.

De maneira altamente impressionante, inscrições semelhantes, do mesmo estilo e tipo, se reproduzem em penhas e cavernas das províncias ocidentais dos Estados Unidos da América do Norte. O mesmo se verifica também em certas regiões da Colômbia e do Brasil, do Uruguai, dos Pampas argentinos e da Patagônia. No nosso país se acumulam nos penhascos e grutas ou lapas do "Planalto Central" e particularmente no Nordeste, em os estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Piauí e Pernambuco; mas não faltam em certos sítios da bacia do Amazônas, do rio São Francisco e do Paraná e Paraguai. Encontram-se com fácies típico onde quer que os australoides primitivos e seus primeiros descendentes se instalaram no solo americano. Constituem mesmo um índice relativamente seguro da presença pré-histórica dessa gente num país do Novo-Mundo.

Outros estilos podem caracterizar outros elementos étnicos de diferentes origens, mas o estilo geométrico puro ou mesmo com certos elementos realísticos bem conhecidos indicam atividades religiosas dos paleolíticos americanos, pioneiros e seus descendentes, do povoamento desta parte da superfície terrestre, nos últimos estágios do Pleistoceno e pelo Post-glacial afora. Até mesmo em épocas relativamente recentes, em algumas escusas regiões do Globo, remanescentes daquele povo gravavam ou pintavam símbolos sacros nas pedras ou conservavam religiosamente os que os seus maiores lhes legaram, reavivando-os cuidadosamente no curso de solenes cerimônias.

Não se permite hoje duvidar da origem religiosa das inscrições ru-

pestres autênticas. As relações agora conhecidas entre religião primitiva, mito, rito e inscrições são numerosas e de caráter positivo; tão expressivas que impõem aquele asserto.

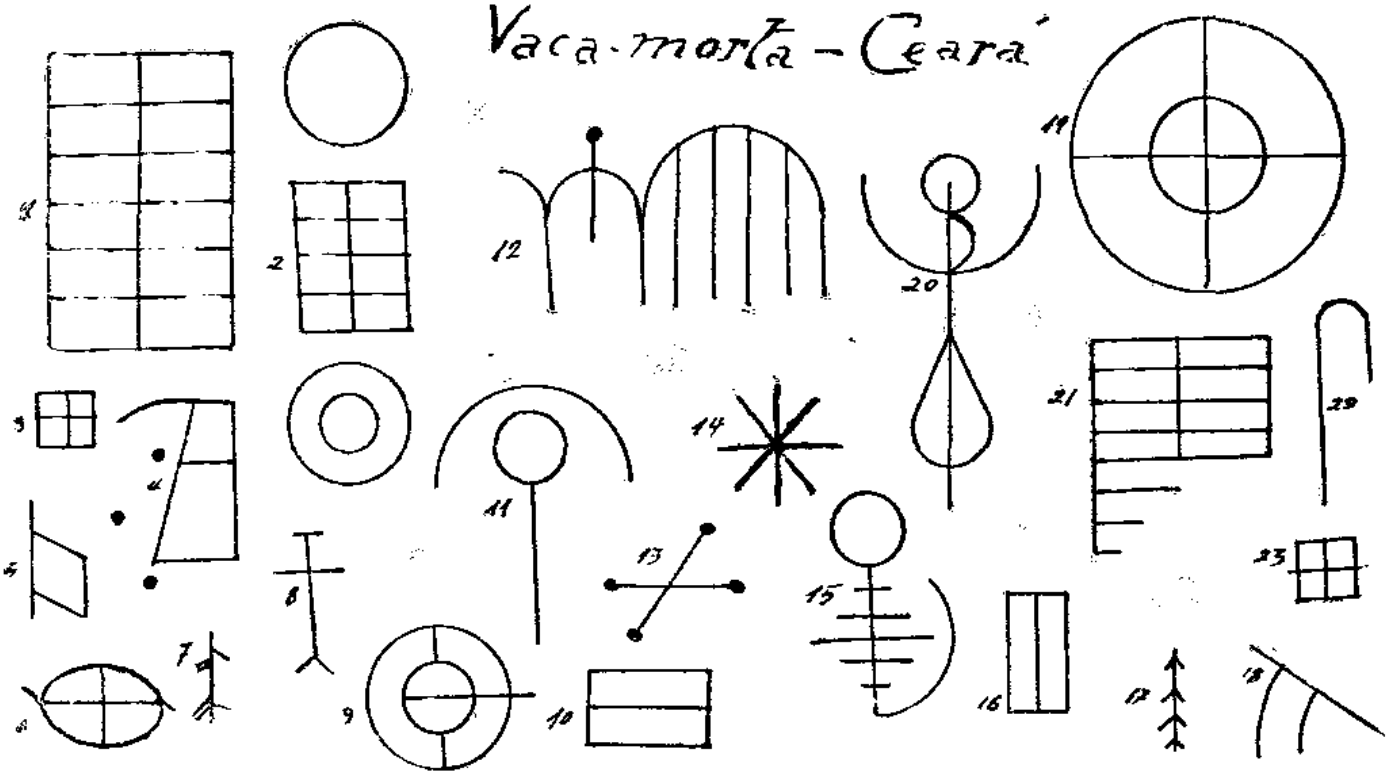
Pensamos que as inscrições não o foram inventadas para fins religiosos. Os primeiros ensaios realizados nas areias úmidas das praias ou pintados nas cascas das árvores ou outros lugares de fácil acesso e trato comum não passavam de jogos ou divertimento infantil, senão mesmo de recreação de adulto em raros momentos de folga, em circunstâncias especiais. Por vêzes teriam caráter comunicativo efêmero. Sòmente mais tarde descobriram os primitivos que êstes desenhos ofereciam um modêlo útil para o registo ou representação de fenômenos religiosos, assunto que tanto os preocupava e a que davam o melhor das suas atividades espirituais. Desde então, de brinquedo efêmero passaram as inscrições a fins mais sérios; adquiriram real e profundo valor de expressão. Mas, para um tal objetivo, já não bastavam as figurações passageiras, que os ventos ou as chuvas desmanchavam. Tornara-se preciso dar estabilidade, durabilidade apreciável, eternidade aos símbolos sagrados.

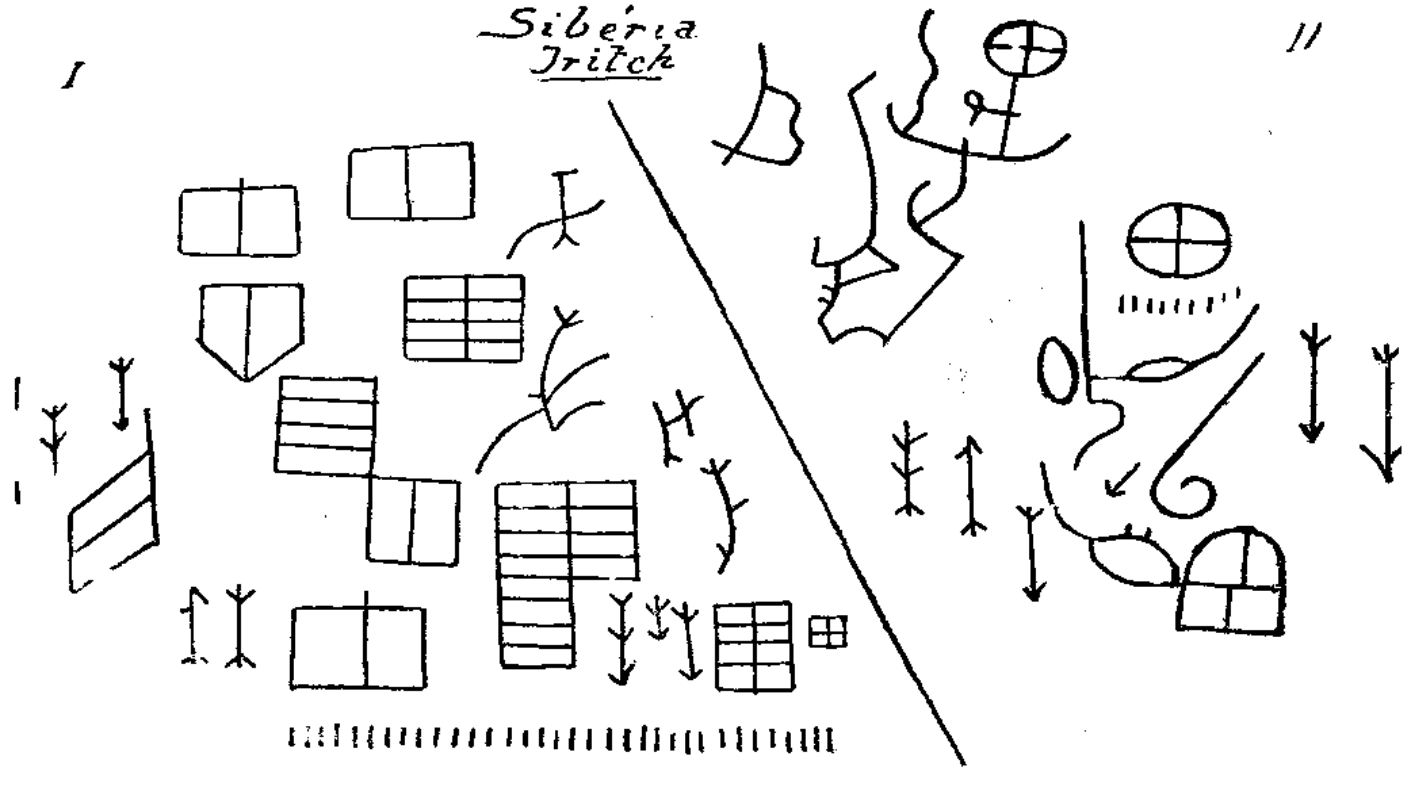
Daí, as verdadeiras ou autênticas inscrições rupestres da pré-história. Êstes extraordinários monumentos que desafiam o desgaste das intempéries por milênios e custaram aos seus autores sacrifícios incríveis, ainda hoje se apresentam à nossa apreciação e admiração, por quase todos os recantos do mundo outrora habitado pelos australoides primitivos e os seus descendentes.

* * *

O exame atento de tôdas as inscrições arcaicas do Velho como do Novo Mundo, aquelas que se reconhecem como autênticas criações dos primitivos, revela insofismàvelmente certos carteres comuns, sistemáticos e significativos. Mostram que foram executadas obedecendo a um sistema de inspiração transcendente, visando determinados e análogos fins.

Quando os colonizadores europeus, nos séculos XVI e XVII entraram em contato com remanescentes australoides, as tribos puramente caçadoras, em qualquer região do continente americano, êles, em geral, já não gravavam nem mesmo conservavam ou reavivavam as velhas inscrições; nada sabiam a respeito da sua significação. Para alguns eram as inscrições rupestres obra de suas divindades em os tempos primitivos e por isto mereciam veneração; para outros, inspiravam terror e delas se afastavam supersticiosamente; enfim, para um grande número pareciam indiferentes. Investigações modernas revelaram entre-


Vaca-morta - Ceará


Siberia
Tritch
I
II

tanto que em alguns lugares raros ainda os indígenas em certas e determinadas circunstâncias desenhavam carateres especiais nas rochas. No interior da Austrália, viajantes recentemente surpreenderam os mais afastados grupos de primitivos gravando em rochedos especiais símbolos sagrados ou reavivando velhos sinais de grande significação para êles.

Na América como no Velho-Mundo, os petrógrafos perderam completamente a sua significação primitiva, fossilizaram-se. De instrumento de expressão resultaram com o perpassar dos séculos em simples curiosidades pré-históricas a desafiar a perspicácia dos sábios. É de supor que em alguns lugares, antes de atingir a extinção da sua significação primitiva, hajam degenerado, vindo a ter com o tempo significações diferentes, porventura de caráter utilitário. De algumas destas, em pontos diferentes e raros, parece, teriam resultado as pictografias cursivas e destas as escritas antigas e modernas.

* * *

A inscrição n. 1, siberiana, (fig. 1), caracteriza-se: 1º) pelo complexo de figuras geométricas retangulares, retângulos bissectados; 2º) ausência de triângulos; 3º) retângulos em forma de grelha, simples ou duplos; 4º) retângulos divididos em cruz; 5º) setas e linhas farpadas, e finalmente, 6º) por uma fila de pequenas retas paralelas.

A inscrição II, (figura 1) caracteriza-se: 1º) pelo seu estilo geométrico curvilíneo; 2º) pelas elípses divididas em cruz segundo os seus eixos; 3º) pelas setas; 4º) pela fila de pequenas linhas retas paralelas; e finalmente, 5º) por um figura escutiforme, dividida por uma reta horizontal, sôbre que caem verticalmente duas outras, uma da parte superior e outra da parte inferior, sem se corresponderem.

Sòmente nos estados da Califórnia, Nevada, Utah e Arizona do oeste dos Estados Unidos da América do Norte, o Sr. J. H. Steward colecionou centenas de inscrições rupestres semelhantes, mais ou menos intimamente aparentadas com aquelas. Dessa preciosa coleção contamos nunca menos de 170 que apresentam grelhas retangulares como se vê na nº I de Irytch, e outras tantas de grelhas de contôrno curvo, circular ou elipsoidal. O número de inscrições com retângulos missetados é ali, também avultado e muito comuns as que encerram elipses cortadas em cruz pelos seus eixos. As filas de pequenas retas paralelas, tal como se encontram nas inscrições siberianas, são freqüentes no oeste norte americano; não são raras as setas simples ou linhas farpadas, e até mesmo aquêle sinal singular em forma de escudo do petrógrafo nº II, aparece com aspecto grosseiramente semelhante na região

considerada. Encontramo-lo com aspecto relativamente bem aproximado em picto-litóglifos do vale Owens, na Califórnia, bem como na região de São Bernardino (Eegle Pass), numa gruta, em Santa Bárbara e em poucos outros sítios.

* * *

No sul do México e principalmente na região do istmo as inscrições rupestres do tipo puramente geométrico rareiam. Aquem, no território colombiano reaparecem mais ou menos freqüentes e caraterísticas.

Conquanto nas inscrições da Colômbia não se encontrem comumente os retângulos subdivididos ou em forma de grelha simples ou dupla, aparecem os quadrados e retângulos simples ou indivisos de vários tipos e outros sinais deixando claro que os antigos petrógrafos dêsse recanto sul americano oferecem o mesmo estílo dos litóglifos siberianos ou norte americanos do oeste. Como exemplos interessantes apresentamos os sinais retangulares da "Pedra do Matrimônio", consoante as cópias publicadas por Miguel Friana, em 1920 na revista "El Gráfico" de Bogotá. Outro exemplo está nas gravuras das "Piedras de Pandi", onde se acham retângulos subdivididos por linha longitudinal recortada por várias retas horizontais. Aqui a semelhança é impressionante, e maior seria se não fôra um indício de evolução que se nota na feitura da inscrição em geral, mas, especialmente acentuada em certos detalhes. Assim é que se observam os retângulos secundários frequentemente cheios de figuras ou desenhos uniformes, e não vazios como aparecem nas inscrições da Sibéria e do Oeste norte americano.

Retângulos e quadrados figuram ainda nas arcaicas inscrições da fazenda "El Vinculo", na "Pedra da Leôa", nas penhas de "Corrales" onde os há particularmente iguais aos siberianos, na "Pedra de El Ambucal" e nas "Pedras de Cali". Nesta última são comuns os retângulos bissectados conforme documentam as cópias publicadas em 1922 por Miguel Triana, na sua curiosa obra "La Civilizacion Chibchá".

O território colombiano foi primitivamente um centro de convergência e logo depois de dispersão humana. Ali chegavam os descendentes dos siberianos das duas primeiras correntes migratórias; milênios depois outros imigrantes asiáticos, pré-malaios e proto-polinésios, por via paramarítima ou marítima; aqueles, talvez vindos do istmo onde teriam chegado porventura após um longo perlongar de costas na América do Norte e êstes diretamente através do oceano. Os primeiros ádvenas de cultura paleolítica simples não se adaptavam às regiões montanhosas e em geral pouco por ali demoravam na sua marcha para o sul ou para o leste. A evolução observada nos pictógrafos ou litóglifos da Colômbia em relação aos tipos mais primitivos da Sibéria ou do

oeste norte americano, traduzida num melhor acabamento das figuras, mais acurada imaginação e em certos enfeites muito rudimentares deixa, efetivamente, a impressão de que são relativamente mais modernos do que os acima referidos e muitos outros do centro e leste brasileiros, dos Pampas e da Patagônia. Ao que parece, a Colômbia era para êstes primitivos apenas uma passagem obrigatória, onde a demora devia ser tão breve quanto possível, pois a natureza geográfica da região contrariava rudemente ao seu sistema de vida. Só um pouco mais tarde remanescentes dêstes elementos das primeiras correntes de australoides que se habituaram mercê de circunstâncias especiais de difícil previsão, à terra montuosa e fria, inscreveram nos rochedos e lapas os seus símbolos religiosos, os quais, não obstante o decurso dos tempos, guardam os mesmos modelos característicos dos que gravaram os seus maiores, antes ou contemporâneamente em outras regiões distantes.

Na sua marcha para o sul, os australoides primitivos, de etapa em etapa, alcançaram o NW da República Argentina, e em seguida, sucessivamente, os Pampas, a Patagônia e a Terra do Fôgo. Para leste e sueste foram ter ao Brasil Central e dali passaram ao Brasil Oriental, descendo paralelamente a costa até o Uruguai. Nas regiões onde mais cêdo se instalaram, as inscrições rupestres são mais numerosas e apresentam um expressivo fácies de arcaísmo ou antes de verdadeiro primitivismo, que as fazem rivalizar de perto com as do Oeste norte americano e da Sibéria. Isto, sem dúvida, resulta do fato de que, ao por ali chegarem, traziam ainda bem vivas as suas tradições religiosas primitivas.

Comprova-se a asserção notando-se que os retângulos característicos se apresentam com notável freqüência ao lado das elipses subdivididas, das séries de pequenas retas paralelas, de setas e linhas farpadas e mesmo de escudos ou figuras escutiformes com campo tetradividido mais ou menos irregularmente.

No Noroeste da República Argentina e nos Pampas em geral as inscrições rupestres puramente geométricas avultam em número ao lado de outras muito mais modernas, de estilo inconfundível, evidentemente de origens diferentes.

No lugar "Cerro Colorado", no NW. da Argentina, Gardner, em 1931, colheu entre outras uma inscrição em que se observam vários retângulos subdivididos e outras figuras lineares do puro tipo siberiano. Igual ocorrência se apresenta também mais ao sul, como, por exemplo, na "Piedra Pintada", situada à margem do riacho "Vaca Mala", já em território da Patagônia. Normalmente, nas inscrições rupestres desta afastada região sul americana, verdadeiro fundo de saco do continente, não faltam os retângulos e as séries de pequenas retas paralelas.

* * *

Depois dêste breve escôrço pelos domínios petrográficos da região ocidental da América do Sul, há que examinar os lito-pictógrafos brasileiros em face de suas semelhanças com os siberianos indicados e os do oeste norte americano. No estudo das inscrições brasileiras, importa sobretudo comparar as da região nordestina, particularmente rica em símbolos primitivos de estilo puramente geométrico.

No "Planalto Central", que se admite teria sido o primeiro largo pouso brasileiro dos australoides, encontram-se inscrições rupestres típicas, do mesmíssimo estilo das siberianas ou norte americanas.

No litóglifo da "Praia da Loja", por exemplo, à margem do rio Tocantins, (Goiás), deparam-se, além do estilo geométrico característico, a elípse dividida pela cruz axial, tal como na inscrição nº II, de Irytch. Nos litóglifos de "Belo Horizonte", "São Gonçalo" e "Nazaré", em rochedos nas margens do rio Xingu, achamos retângulos concêntricos, bissectados e divididos em cruz; no litóglifo da ilha dos "Martírios", no rio Araguaia, na altura aproximada de 6º 22' de lat. sul, ainda nos deparamos com elipses daquêle mesmo gênero e retângulos subdivididos. Nas pedras da cachoeira de "Itamaracá", no rio Xingu, existe uma interessante inscrição, copiada por Ferreira Pena e depois por H. Coudreau em 1897, em que estão desenhados numerosos retângulos e uma figura que lembra a elipse subdividida pelos seus eixos.

No nordeste do Brasil, as inscrições rupestres de estilo geométrico não só existem em número avultado como também oferecem um grau de semelhança mais acentuado com as de Irytch e, especialmente, com as norte americanas dos estados ocidentais. Elas deixam supor que a passagem ou antes a estada dos descendentes dos australoides que primeiramente penetraram na América do Sul fôra demorada nesta região e, ainda que, êstes teriam sido parte integrante dos primeiros ramos que se dispersaram ao transpor o istmo do Panamá. As migrações só se realizavam lentamente. Um ramo que se destacava da Colômbia, ou de região mais ao sul, para alcançar o "Planalto Central" do Brasil precisava de alguns séculos; para chegar ao nordeste brasileiro, carecia de outros tantos, o que significa que nesse percurso as gerações se sucediam.

A impressionante similitude dos picto-litóglifos observada acima sugere que as levas que chegaram aos sertões entre os rios São Francisco e Parnaíba o fizeram alguns milênios AC. Elas traziam ainda impressões muito vivas dos seus complexos culturais primitivos.

Os imigrantes pioneiros do Nordeste, principalmente os que se es-

tabeleceram na Paraíba e Ceará, abriram e pintaram inscrições que trazem o estilo criado na sua pátria original, no Velho Mundo, com alguns símbolos expressivos bem conservados através de milênios, símbolos que, pela sua estabilidade extraordinária, deviam ter uma alta significação religiosa. As nossas inscrições não sòmente encerram êsses caracteres fundamentais ou de base, complexo comum da estirpe, como se devem ressentir naturalmente, das influências modificadoras ou acidentais experimentadas, nêste setor especial da cultura, através do longo percurso extra e inter continental. Inspirações introspectivas, estímulos da variedade e singularidades de mesologia cósmica, decerto, agiram na morfologia e significação das inscrições antes que estas se fossilizassem, estado em que as encontraram os colonizadores europeus.

O estudo analítico dêstes monumentos pré-históricos há de ter em consideração tais circunstâncias. Importa definir aquêle fundo comum, o mais arcaico, e caracterizá-lo. Cumpre determinar com suficiente precisão as alterações evolucionais, as suas causas e valor. Disto não se cogita aqui.

* * *

No Ceará, as pictografias do planalto dos Inhamuns, especialmente, concentradas no ângulo norte-oriental do município de Tauá, oferecem o mesmo estilo e até, comumente, os mesmos traços e figuras principais das inscrições do ocidente norte-americano e a comovente impressão de quase identidade com as da Sibéria.

Em 25 das 38 inscrições do Inhamuns que conhecemos encontram-se retângulos simples, bissectados, divididos em cruz, em grelha simples ou dupla, unidos de várias maneiras como os que se observam nas duas inscrições asiáticas.

É interessante consignar que o tipo bissectado da inscrição siberiana nº 1, ocorre em 11 e o tipo subdividido por uma cruz aparece em 5. Porém, ainda mais notável é o caso do sinal retangular em grelha que encontramos 5 vêzes reproduzido na inscrição siberiana e se repete em 8 das cearenses, sendo que nestas também vemo-lo algumas vêzes figurando na mesma pictografia. As séries ou filas de pequenas linhas retas paralelas aparecem em 21 daqueles petrógrafos dos Inhamuns; e as setas bem como as linhas com farpas são comuns em algumas.

Verifica-se que todos os sinais importantes da inscrição siberiana nº 1 se encontram nas do planalto dos Inhamuns.

Relativamente à outra inscrição siberiana, de estilo geométrico curvilíneo, as semelhanças e certas identidades também são impressionantes. Ocorrem elipses em 11 das nossas inscrições, sendo que em uma destas a elipse está dividida em cruz pelos eixos, como naquela. Já

vimos que são comuns aqui também as pontas de flecha ou setas e as linhas com farpas, assim como, igualmente, a série de pequenas retas paralelas. Passando ao estudo comparativo de outros lito-pictógrafos nordestinos continuamos a encontrar ainda curiosas semelhanças e identidades. No interessante grupo de litóglifos do médio Banabuiú nos deparamos com caracteres numerosos idênticos ou mais ou menos comparáveis. Os retângulos bissectados e divididos em cruz aparecem nas inscrições do "Giqui", no rio Quixeramobim e nos de Caiçarinha, Rinaré e Fonsêca do rio Banabuiú. Os retângulos em grelha ocorrem não sòmente no "Giqui", especialmente num grupo que copiamos no interior de um grande caldeirão, ainda como em Caiçarinha, Cruxutu e Rinaré.

Numa pictografia da serra do Urucu (município de Quixadá) estão desenhados retângulos bissectados, e o mesmo ocorre nas inscrições do rio Pirangi, nos lugares conhecidos por Vaca-Morta e Quinxinxé. São ainda estas figuras observadas nas inscrições do rio Aracati-açu, nas do baixo Jaguaribe e do norte do Estado, nos litóglifos de Itacoatiara (município de Coreaú), etc. Os retângulos partidos em cruz e sobretudo as grelhas retangulares simples e duplas são mais comuns. Vemo-las no baixo e médio Jaguaribe nas inscrições de "Dois Serrotes", "Barrinha", "Lagoa das Pedras Pintadas" e no norte do Estado, nas inscrições do "Aracati-açu", de Ubatuba, no lugar "Pirapora" e vários outros sítios.

No Estado do Rio Grande do Norte, na Paraíba e em Pernambuco abundam inscrições de estilo geométrico e nelas ocorrem aquêles sinais característicos das inscrições siberianas. Os retângulos simples, bissectados, divididos em cruz ou em forma de grelha aparecem nos litóglifos de "Pedra Lavrada" (Sabogi), na pictografia da "Gruta do Letreiro" (Catanduba), na de "Pedra Ferrada" (Porta Alegre), na do "Poço das Caraibeiras" (Seridó), na de "Solidade" (Apodi), tôdas no Rio Grande do Norte. Na Paraíba e Pernambuco, êstes sinais se apresentam nas inscrições de "Belém", "Vinagre", "Fechado" do município de Brejo do Cruz, no litóglifo de "Ingá" (Paraíba); no petróglifo de "Limoeiro" e do "Caldeirão" (Pernambuco).

As filas de pequenas retas paralelas mostram-se muitas vêzes nos estados referidos, mormente nas inscrições paraibanas das proximidades de Cabaceiras. As elipses simples ou divididas pelos seus dois diâmetros, tão características da inscrição nº II de Irytch, também aparecem nos três Estados com relativa freqüência.

Observa-se um sinal singular, único da inscrição nº II, de Irytch. É a figura de contôrno escutiforme, cortado transversalmente por uma reta mediana horizontal, sôbre a qual caem verticalmente duas outras,

uma à direita na parte superior e outra à esquerda na parte inferior a que já nos referimos. Êste símbolo é muito curioso e raro, sobretudo com o aspecto idêntico do que vimos de descrever. Exatamente nestas condições não aparece no oeste norte americano nem na Colômbia. Vamos encontrá-lo com impressionante semelhança no Ceará em duas ou três inscrições da região do médio Banabuiú, particularmente expressivo num dos litóglifos do riacho "Fonsêca".

Em cêrca de 300 inscrições da América do Norte que examinamos não achamos êste sinal com a forma precisamente original. Entretanto, no nordeste do Brasil encontra-se com sensível semelhança, tendo a forma de escudo, mais ou menos grosseiramente circular ou elipsoidal, deixando supor que existe um íntimo parentesco entre o tipo desta região e o siberiano. No Ceará, as formas mais próximas do elemento original siberiano se encontram nos litóglifos do Cruxatu, do Fonseca e do Giqui. Também aparece, mais ou menos ligeiramente modificado, na pictografia do "Senegal", nos litóglifos de "Vaca Brava" do Pirangi e nas inscrições do município do Brejo do Cruz, na Paraiba.

Fora do nordeste brasileiro, em qualquer outra região do País, ou mesmo continente sul americano, êste símbolo rupestre, se existe, deve ser muito raro. Em mais de 500 inscrições que temos examinado nada encontramos de análogo ou capaz de uma comparação de razoável semelhança. Não sabemos entretanto se o símbolo das nossas inscrições é o resultado de um enorme salto através do espaço tão grande ou se não passa de uma mera coincidência, não encerrando valor maior do que qualquer dos elementos de âmbito regional.

Quem está habituado a comparar inscrições de áreas muito vastas reconhece que um certo número de sinais tem freqüência universal, constitui um fundo comum às inscrições autênticas de origem paleolítica.

Outros sinais são de domínio mais reduzido, embora, ainda muito extenso; há porém os de cunho regional, de âmbito relativamente reduzido e, decerto, alguns podem ser locais, porventura, mesmo, individuais.

O estudo das inscrições antigas ou ainda mais modernas como as de origem neolítica, seria rico de revelações curiosas, como pequenos ensaios o têm demonstrado. Investigações científicas de largo porte, de caráter universal ou mesmo continental, deixam supor que neste sentido se permite esperar resultados de grande valor interpretativo, sendo que, ainda, poderão trazer sob certo ângulo preciosa contribuição à história da cultura primitiva da humanidade.

O estudo da distribuição dos sinais para reconhecer os de domínio universal e a repartição espacial dos de expansão menos vasta, com o auxílio de mapas geográficos, poderia facilitar o estabelecimento de

bases sólidas para uma interessante classificação dos elementos e ainda, o que é bem mais valioso, a discrimição de áreas em que dominam determinados símbolos. Por êste caminho, chegar-se-ia a fixar provàvelmente com sensível aproximação, os centros de irradiação de importantes elementos inscritivos e quiçá também poderia nos trazer a compreensão de migrações de povos ou tribos na longa noite da pré-história. Esclarecimentos relativos ao conhecimento de estratificações de povos ou de culturas resultariam igualmente claras de semelhante labor científico.